

TUPI-GUARANI NAS MATAS
MINEIRAS: ESTUDO
DE CERÂMICAS
TUPINAMBÁ*



ÂNGELO ALVES CORRÊA**

Resumo: apresentarei neste trabalho os resultados de pesquisas realizadas para minha dissertação de mestrado que buscou compreender um dos processos de ocupação da Microrregião de Juiz de Fora. O estudo da cultura material existente nos sítios arqueológicos foi realizado sob a perspectiva dos trabalhos de José Brochado. O conjunto artefactual cerâmico foi analisado buscando a compreensão das vasilhas enquanto classes morfológico/funcionais. Foram alcançados resultados esclarecedores tanto em relação aos processos de produção, uso e morfologias, permitindo perceber a existência de correlações indicativas de “modos de fazer” característicos. As semelhanças entre a cerâmica dos sítios arqueológicos da microrregião pesquisada e as do litoral do estado do Rio de Janeiro permitem reforçar sua vinculação a povos Tupinambá.

Palavras-chave: *Tupi-Guarani. Tupinambá. Cerâmica Arqueológica.*

Pesquisas anteriores (DIAS; CARVALHO, 1980; LOURES OLIVEIRA, 2003) apontam que as fontes históricas disponíveis para a Microrregião de Juiz de Fora (Figura 1) atestam, em sua maioria, a classificação geral Tapuia e não Tupi para os grupos que a teriam ocupado entre os séculos XVII e início do século XIX. Porém, os resultados de escavações empreendidas na Zona da Mata mineira e nas serras fluminense têm evidenciado vestígios associados a povos do tronco linguístico Tupi.

* Recebido: 03.10.2020. Aprovado: 05.11.2020.

** Arqueólogo, Professor do Curso de Graduação em Arqueologia e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí. *E-mail:* angelo@ufpi.edu.br.

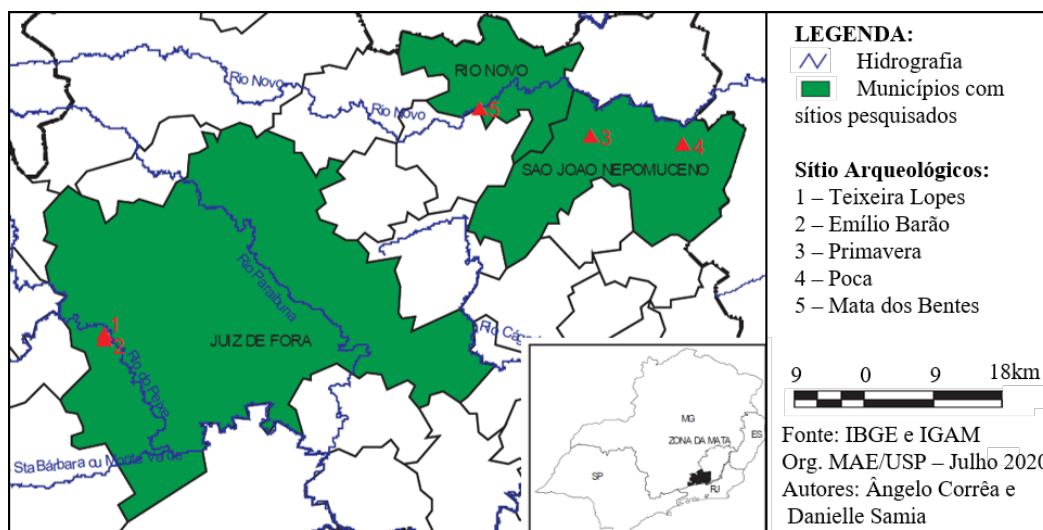


Figura 1: Localização dos sítios com conjuntos cerâmicos analisados

Durante as análises empreendidas em 36.323 fragmentos cerâmicos, pertencentes a cinco sítios arqueológicos (Tabela 1) desta região, busquei seguir a proposta de Brochado (1984) de forma a relacionar os vestígios arqueológicos estudados aos grupos denominados Tupinambá (Brochado 1984: 30). Utilizo o termo Tupinambá para falantes da língua Tupinambá, da família Tupi-guarani, falada nos séculos XVI e XVII por povos que ocupavam desde a desembocadura do rio Amazonas até a costa do estado do Paraná (RODRIGUES, 1958, 1994; BROCHADO, 1984; CORREA, 2014), “conhecidos regionalmente também pelos nomes de Tamóio, Tupinikim, Caeté, Potiguara, Tobajara etc.” (RODRIGUES, 1994, p. 20).

Tabela 1: Coordenadas, quantificações e datações (detalhes sobre as datações vide CORREA 2009, 2014)

Sítio	Coordenadas	Área escavada	Total de cerâmicas	Datações
Primavera	23K 702955 7617862	102 m ²	3038	550±70 AP (TL) 790±100 AP (TL)
Poca	23K 715173 7615865	13,34 m ²	1061	595±70 AP (TL) 630±80 AP (TL) 750±90 AP (TL)
Teixeira Lopes	23K 643231 7591618	62 m ²	784	225±25 AP (TL) 585±60 AP (TL)
Emílio Barão	23K 643391 7591053	405 m ²	19766	230±40 AP (C14) 390±50 AP (TL) 480±50 AP (TL) 590±60 AP (TL)
Mata dos Bentes	23K 690473 7620460	100 m ²	11674	1300±100 AP (TL)

Apesar das análises terem contemplado a inserção dos sítios no ambiente e as tecnologias líticas e cerâmicas, neste texto apresentarei apenas o componente cerâmico dos sítios (dados completos em CORRÊA, 2009; sobre os líticos CORRÊA, 2011).

Ao realizar os procedimentos analíticos no material cerâmico, tomei por base os conceitos de sistema tecnológico (LEMONNIER, 1986, 1992), bem como a metodologia classificatória e interpretativa de Brochado e colaboradores (LA SALVIA, BROCHADO, 1989; BROCHADO, MONTICELLI, 1994; BROCHADO, 1991; BROCHADO, MONTICELLI, NEUMANN, 1990). O objetivo foi elaborar estudos morfológicos e tecnológicos dos artefatos cerâmicos, buscando uma classificação dos processos de produção destes artefatos. Entendendo que somente com a sistematização dos elementos da cultura material é possível compreender as informações culturais impressas nas escolhas relacionadas a criação, uso e descarte, que caracterizavam os indivíduos como pertencentes a grupos definidos espacial e temporalmente (LEMONNIER, 1992).

As análises se deram em duas etapas, uma primeira quantitativa e outra qualitativa. Visando um maior número de remontagens dos fragmentos e conseqüentemente de reconstituição dos vasilhames, parti da premissa de que fragmentos semelhantes em termos de pasta, acabamentos superficiais, espessura e tipos de queima poderiam ter pertencido a um mesmo vasilhame (OLIVEIRA, 2000).

Para a análise quantitativa tomei por base a observação de atributos associados à matéria-prima, preparo de pasta, às técnicas de manufatura, a cor do núcleo, às características de contorno formal e tratamentos de superfície. Partindo de tais observações o objetivo foi verificar a existência de correlações recorrentes que pudessem indicar certos “modos de fazer” característicos, buscando evidenciar quais escolhas tecnológicas foram feitas em detrimento de outras (SCHIFFER, SKIBO, 1997). As escolhas, nas diferentes etapas da cadeia operatória, são entendidas como responsáveis pela variabilidade artefactual presente nos sítios. Os elementos tecnológicos e morfológicos dos vestígios encontrados possibilitaram o reconhecimento das características dos meios materiais e das técnicas empregadas para a confecção dos objetos, além de permitir reconstituir as formas das vasilhas. Ainda com vistas a ampliar o conhecimento dos artefatos pesquisados, somaram-se análises arqueométricas relativas à elaboração e características das pastas (CORRÊA, 2009).

Para a análise qualitativa tomei por base as unidades formadas no âmbito da etapa anterior, baseado nas correlações recorrentes, bem como nas reconstituições gráficas que puderam ser realizadas. Nesta segunda etapa as unidades foram descritas buscando identificar o que lhes conferia similaridades, podendo tanto ser decorrentes de uma padronização formal, quanto de cadeia operatória comum.

As reconstituições gráficas foram feitas seguindo as referências bibliográficas para formas de vasilhames Guarani e Tupinambá, e as regras práticas propostas para a reconstrução gráfica das vasilhas. Para análise das formas utilizei classes morfológico-funcionais visando relacionar formas específicas a usos específicos descritos na bibliografia (LA SALVIA, BROCHADO, 1989; BROCHADO, MONTICELLI, 1994; BROCHADO, 1991; BROCHADO, MONTICELLI, NEUMANN, 1990; ASSIS, 1995; CORRÊA 2014; NOELLI, BROCHADO, CORRÊA, 2018), permitindo o uso de classificação êmica para diferenciá-las.

O uso de denominações êmicas Tupinambá e Guarani, em um contexto que apresenta claras características Tupinambá enriqueceu os resultados, pois como já apontado por Noelli (1999-2000; NOELLI, BROCHADO 1998; SILVA, NOELLI, 2017), termos muito semelhantes foram utilizados entre os Guarani e Tupinambá para designar vasilhames com formas e funções equivalentes, permitindo ampliar as correlações. As razões para tais correlações são muito mais do que apenas terminológicas, pois apontam para as relações de origem comum e história de longa duração destes povos (CORRÊA, 2014).

Características dos vasilhames reconstituídos

As reconstituições apresentadas visam se aproximar ao máximo da real morfologia das vasilhas, entretanto reconheço ser difícil atingir isto devido a fragmentação dos artefatos e, sobretudo, pela variabilidade formal apresentada. Assim,

as reconstituições ilustradas servem apenas para indicar as variações possíveis de forma e dimensões dentro de cada categoria da nossa classificação. Não indicam que conhecemos a forma exata de cada vasilha apenas a partir de um fragmento de borda. Isto, porém, não prejudica nossa classificação já que nossa preocupação é a reconstrução da funcionalidade e não da forma exata das vasilhas (BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990, p. 737).

As vasilhas que puderam ser reconstituídas foram enquadradas em classes, porém correspondem a apenas uma parcela do total de formas presentes nos sítios estudados, pois nem todas as formas puderam ser reconstituídas.

Alguns dos atributos utilizados na análise do vasilhame reconstituído permitiram melhores resultados comparativos como, por exemplo, a classe morfológico/funcional, porém os demais também apresentaram resultados que merecem atenção.

A classe estrutural que apresentou maiores índices de reconstituições foi a de vasilhas abertas. As vasilhas abertas são características dos grupos Tupinambá da região litorânea, sobretudo vasilhas de contornos quadrangulares (BROCHADO, 1984; CORRÊA, 2014). O contorno de abertura circular apresenta-se como maioria (mais de 70%) em todos os sítios. Apesar do diâmetro da abertura dos vasilhames variar bastante (entre 5 e 70 cm) pude verificar uma tendência maior de vasilhas com diâmetros entre 10 e 40 cm. Foi também evidenciada uma grande diversidade de volumes entre 0,1 a mais de 150 litros, porém a maioria fica distribuída apenas entre a faixa de 0,5 a 10 litros (mais de 50%).

As análises das formas, seguindo o método de descrever os seguimentos que formam as vasilhas (LA SALVIA; BROCHADO, 1989), originou um grande número de variáveis (32), permitindo perceber que as formas que mais se repetem são justamente aquelas que se assemelham aos contornos das vasilhas com maior ocorrência nas reconstituições gráficas, ou seja, calota (CaL) e convexa invertida (CoI).

Dos atributos analisados neste nível os melhores agrupamentos são as classes morfológico/funcionais, talvez justamente por se aproximarem mais de uma realidade etnográfica. Portanto, dedicarei maior atenção a este atributo apresentando as observações a seguir.

Classes Morfológico/funcionais

Os conjuntos de vasilhas reconstituídas foram organizados em classes, levando em consideração sua possível utilização. O estudo da bibliografia sobre reconstrução de vasilhas a partir de fragmentos, a comparação com as coleções disponíveis em museus e os correlatos etnográficos, nos permitiram identificar oito classes de vasilhas presentes nas coleções analisadas (Figura 2). As correlações estabelecidas entre as reconstituições e os dados bibliográficos se basearam no Quadro 1, constituído com base nos autores La Salvia, Brochado, 1989; Brochado, Monticelli, 1994; Brochado, 1984, 1991; Brochado, Monticelli, Neumann, 1990; Assis, 1995.

Quadro 1: Características das vasilhas por classe, segundo a bibliografia

Classe	Função	Morfologia	Borda	Bojo	Base	Tratamento de Superfície	Diâmetro de abertura	Regra de proporção
<i>Yapepó</i>	preparo de alimentos e urna funerária	globular ou duplamente infletida	infletida para dentro ou fora, vertical e cambada	globular saliente e cambado	conooidal ou convexa	alisado corrugado unglulado estocado escovado nunca pintado	pequena: 12 a 16cm média: 16 a 30cm grande: >30cm	variável
<i>Ñaeitá</i>	preparo de alimentos e tampa para urna funerária	abertas de forma conooidal, troncoconica ou elipsóide	direta vertical infletida para fora	meio ovóide invertido	aplanada e levemente convexa	nunca pintado	normal: 30 a 48cm, grande: >50cm	0,9 a 2,6
<i>Ñaembé</i>	servir, comer e acompanhamento funerário	muito abertas, hemisférica	direta vertical infletida para fora e dentro	meio esfera ou calota	convexa ou levemente convexa	normalmente pintadas	pequena: 12 a 16cm média: 16 a 26cm grande: 26 a 34cm	2,4 a 4,5
<i>Cambuchi Caguába</i>	Servir, beber e acompanhamento funerário.	contorno simples composto ou complexo conooidais e levemente restringido	infletida ou complexa e carenada	simples, composto ou complexo	periférica, elipsóide ou conooidal	lisas ou pintadas	pequena: 12 a 16cm, médias: 16 a 26 grande: >26cm	0,5 a 2,49
<i>Cambuchi</i>	preparo de bebida, armazenamento de bebidas e urna funerária	restringidas de contorno complexo, segmentado, abertura estreita ou media	carenada, ref. externo, concava e extrovertida	complexo segmentado, carenado, simples e piriformes	conooidal, convexa e aplanada	alisado, corrugado, unglulado, escovado, escovado e pintado	pequena: 18 a 34cm média: 35 a 50cm grandes >50cm	variável
<i>Ñamopyu</i>	preparo de alimentos, torrar	muito abertas, caloras muito rasas	direra, vertical, extrovertida	vestigial e calora	convexa ou aplanada	lisa, corrugada, unglulada e nunca pitada	normais: 18 a 32cm, grandes >32cm	>4,5

Como apresentado a seguir, a classificação a partir destas oito classes permitiram verificar as características individuais de cada classe, bem como, tecer comparações entre as reconstituições nos conjuntos artefatuais de cada sítio e verificar as características formais do vasilhame na região estudada.

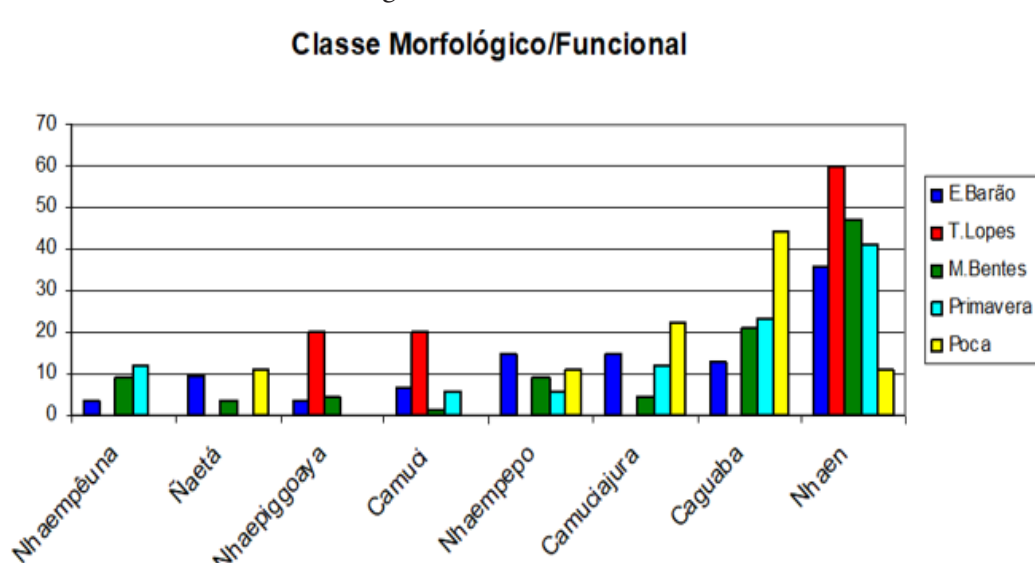


Figura 2: Número de vasilhas das classes morfológico/funcionais por sítio

A ausência de alguma classe morfológica em algum dos sítios não pode ser simplesmente usada para afirmar que esta não teria sido produzida e utilizada pelos seus ocupantes. As ausências são muito mais relacionadas às características e intensidades das pesquisas realizadas em cada sítio, bem como com o fato da integridade do material recuperado ter permitido ou não a reconstituição gráfica de todas as classes de vasilhas. Contudo, pode-se perceber (Figura 2) que algumas classes apresentam baixa ocorrência mesmo em sítio em que a amostragem foi significativa.

Nhaempepo / Yapepó

As vasilhas denominadas *nhaempepo* são aquelas que apresentam características de performance para o preparo de alimentos cozidos sobre o fogo, além de terem tido uso secundário como urna funerária. Essa classe apresenta essencialmente vasilhas com contornos globulares e piriformes, com bases arredondadas ou conoidais, já amplamente divulgada como sendo uma forma típica para as vasilhas de preparo de alimentos (Figura 3).

A classe das *nhaempepo* é uma das quatro mais bem representadas, tendo sido possível reconstituí-la em quase todos os sítios (Figura 2). Algumas reconstituições apresentaram pequenas dimensões, o que nos leva a pensar na possibilidade de também poderem ter sido utilizadas para servir líquido (como um *caguaba*), ou mesmo serem miniaturas (BROCHADO, MONTICELLI, 1994; BROCHADO, MONTICELLI, NEUMANN, 1990).

A forma destas vasilhas apresentou-se variando entre piriforme com estrutura ligeiramente aberta a muito fechada. O contorno simples algumas vezes é acrescido de inflexões das bordas levemente extrovertidas. Além do uso para a produção de alimentos, sua estrutura constricta permite se adequar com excelência à função de transporte

de água até a aldeia. Julgando pela distância dos sítios até as fontes de água, esta deveria ser uma atividade desenvolvida diariamente.

RECONSTITUIÇÃO DE NHAEMPEPO DO SÍTIO TEIXEIRA LOPES
JUIZ DE FORA/MG

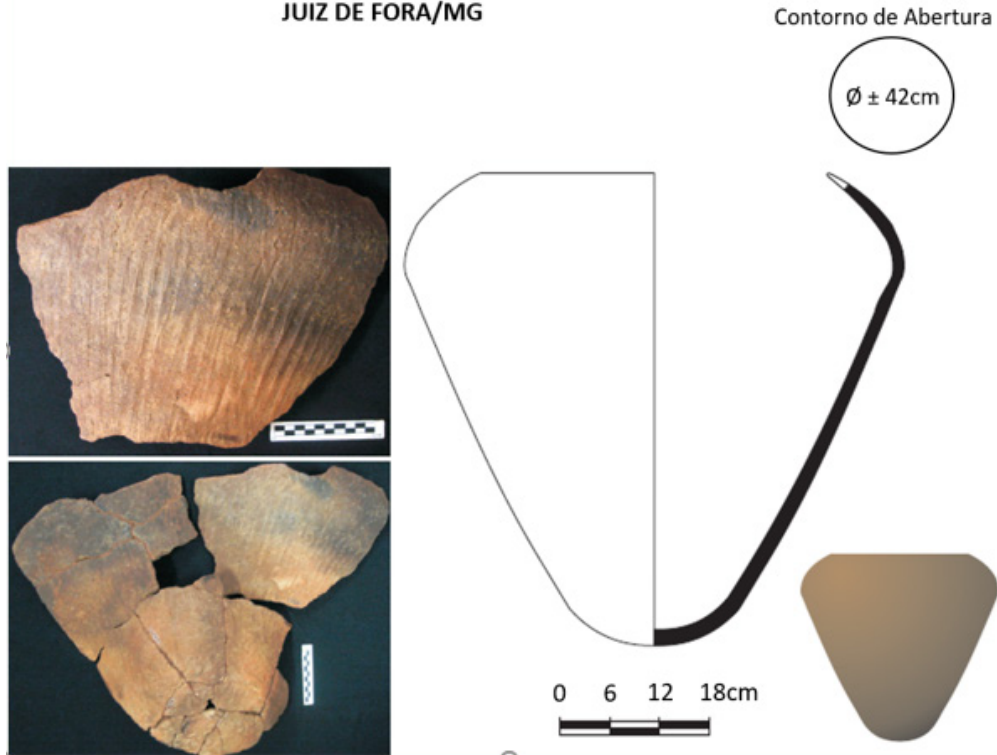


Figura 3: Reconstituição de *nhaempepo* do sítio Teixeira Lopes

Ao plotarmos as dimensões das vasilhas na Figura 4 percebe-se duas tendências apresentadas pela linha de regressão, ambas indicando a existência de proporção entre o diâmetro e a altura. Contudo, as linhas de regressão apontam para uma relação distinta: no sítio Emílio Barão, quanto maior o diâmetro, maior é a altura da vasilha, diretamente oposto ao que foi constatado no sítio Mata dos Bentes.

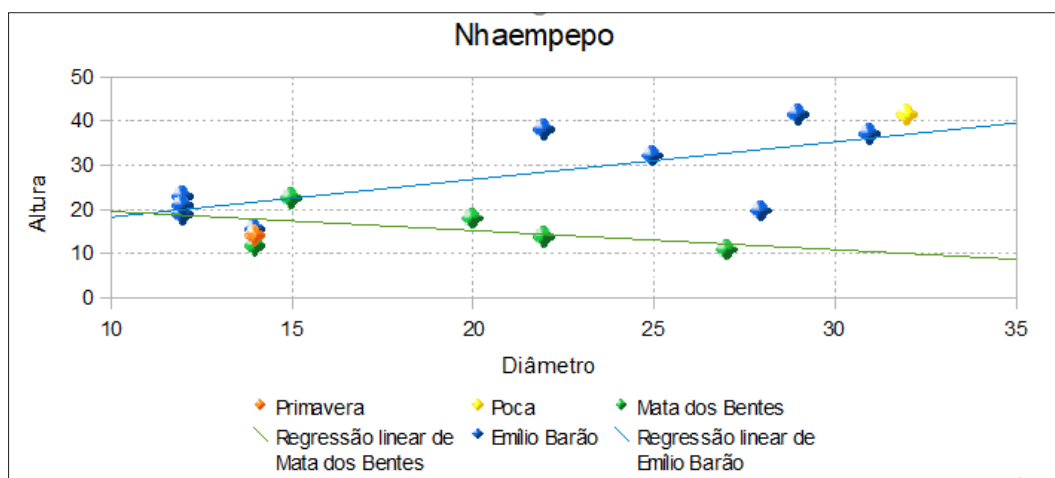


Figura 4: Distribuição das proporções entre diâmetro e altura nas *nhaempepo*

Pode-se perceber (Figura 4) dois grupos distintos de *nhaempepo*, um formado por vasilhas menores e outros maiores. Destaca-se ainda o fato de que as vasilhas menores (círculo verde) apresentam maior grau de uniformização, ou seja, mais semelhantes são as dimensões das diferentes vasilhas, enquanto as maiores ficam mais dispersas pelo figura (círculo vermelho). Ressalto que o fato de haver maior correlação entre os *nhaempepo* menores também foi constatado por Brochado, Monticelli e Neumann (1990, p. 739), ao calcular as proporções para 50 *yapepó* inteiras do contexto Guarani, o que vem a corroborar a validade do uso da metodologia proposta para examinar os conjuntos de reconstituições, demonstrando a similaridade existente entre estes dois contextos.

Ao calcularmos as proporções diâmetro/altura chega-se a resultados entre 0,52 e 2,5.

Ñaetá

Trata-se de vasilhas utilizadas na preparação de alimento sobre o fogo, se diferenciando dos *nhaempepo* sobretudo pela estrutura mais aberta, tendo uso secundário como tampa para urnas funerárias. Além disso, já se aventou a possibilidade de terem sido utilizadas na produção de farinha de mandioca e na desidratação do líquido extraído da massa ralada de mandioca para a produção de goma (BROCHADO, 1991, p. 66). Não foi possível encontrar um termo referente ao contexto Tupinambá para este tipo de vasilha, mas morfológicamente o que se tem nos conjuntos analisados é extremamente semelhante ao descrito pela bibliografia, de modo que utilizo *ñaetá*, como no contexto Guarani.

O conjunto analisado mostra grande uniformidade no que concerne a sua morfologia, já que as vasilhas apresentam formas conoidais com bordas contraídas, ou apenas reforçadas para vasilhas menores. Somente uma apresentou borda direta, sendo de proporções menores que as demais (Figura 5).

Apresentam acabamento externo variando entre liso, corrugado, inciso e espantulado (Quadro 2). Apesar de abertas, permitindo boa visualização da superfície interna, não encontrei nenhum indício de pintura interna, o que corrobora o entendimento do seu uso sobre o fogo. Na bibliografia são mais representadas com bases tendendo a aplainadas, porém na região pesquisada as bases se apresentam mais conoidais, tendência apontada pelos ângulos de saída das paredes e por uma remontagem no sítio Emilio Barão, que apresentou a maior parte do perfil de uma vasilha *ñaetá*.

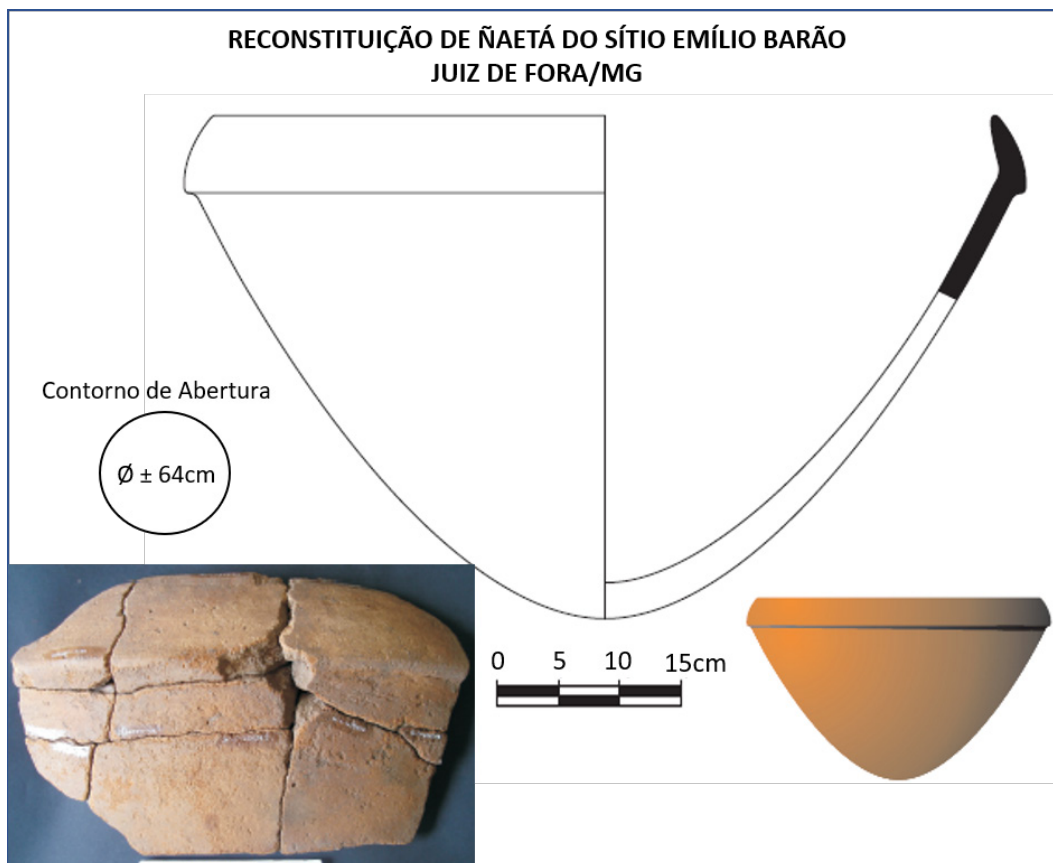


Figura 5: Reconstituição de uma ñaetà do sítio Emílio Barão

A partir dos dados métricos das ñaetà analisadas, fica claro (Figura 6) que há dois conjuntos distintos, um de vasilhames menores (círculo verde) e outro com maiores dimensões (círculo vermelho). Quase todos, com exceção de uma vasilha, permanecem próximos a norma indicada pela linha de regressão, indicando uma relação fixa entre o diâmetro da borda e a altura.

A relação entre diâmetro e altura fica entre 0,89 a 2,16 o que é muito semelhante ao citado por Brochado, Monticelli e Neumann (1990) de 0,9 a 2,6 para o contexto Guarani, corroborando que este tipo de vasilha, encontrado em contexto Tupinambá, guarda grandes semelhanças com aquele denominado *ñaetà* em Guarani.

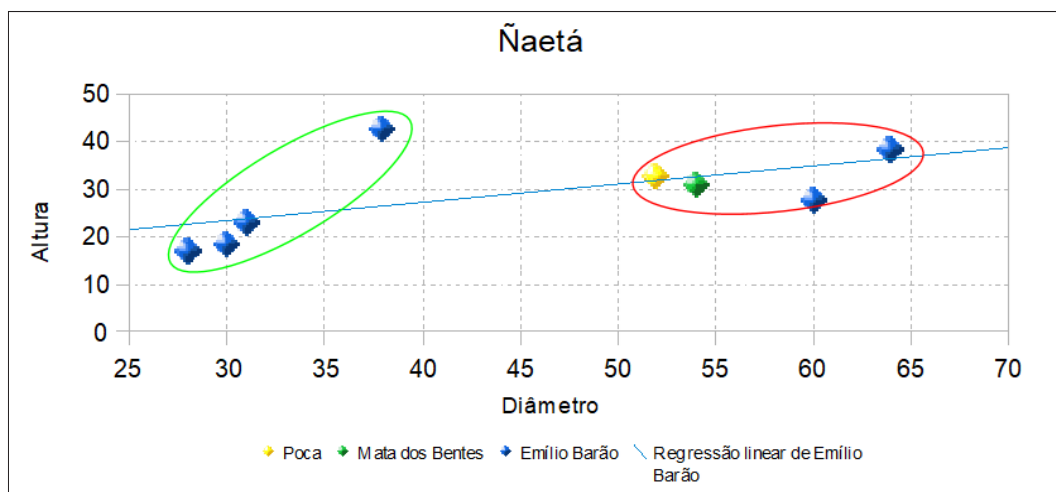


Figura 6: Distribuição das proporções entre diâmetro e altura nas *ñaetá*

Camuci / Cambuchi

Vasilha associada a função de conter, preparar e servir líquidos, tanto para guardar água, como intimamente ligada a produção de bebidas alcoólicas fermentadas. Na arqueologia, o mais marcante nas *camuci / cambuchi* é justamente seu uso secundário como urna funerária, tanto para enterramentos primários como secundários (BROCHADO, MONTICELLI, 1994, p. 113). As de menores dimensões também poderiam ter servido para o transporte de água até a aldeia.

As *camuci* apresentam pintura externa na metade superior, sendo a pintura formada por linhas retas que dão origem a padrões geométricos. O contorno complicado e complexo destes vasilhames dificulta reconstituições gráficas. Tive de usar as características mais comuns apresentadas pela bibliografia para reconstituir algumas vasilhas com menor porção de fragmentos. Entretanto, no sítio Emílio Barão foi resgatada uma grande quantidade de fragmentos de um mesmo *camuci*, compondo quase três escalonamentos dos ombros e praticamente toda a base (Figura 3). A remontagem da base permitiu perceber uma tendência a ser aplanada, comum em muitos *camuci* inteiros de coleções (CORRÊA, 2014), assim foi dada preferência na utilização deste tipo de base nas reconstituições. Porém, sabe-se que um grande número de bases de *camuci* são cônicas, por isso estas foram empregadas nas reconstituições quando os ângulos das paredes pareciam mais favoráveis a este tipo.

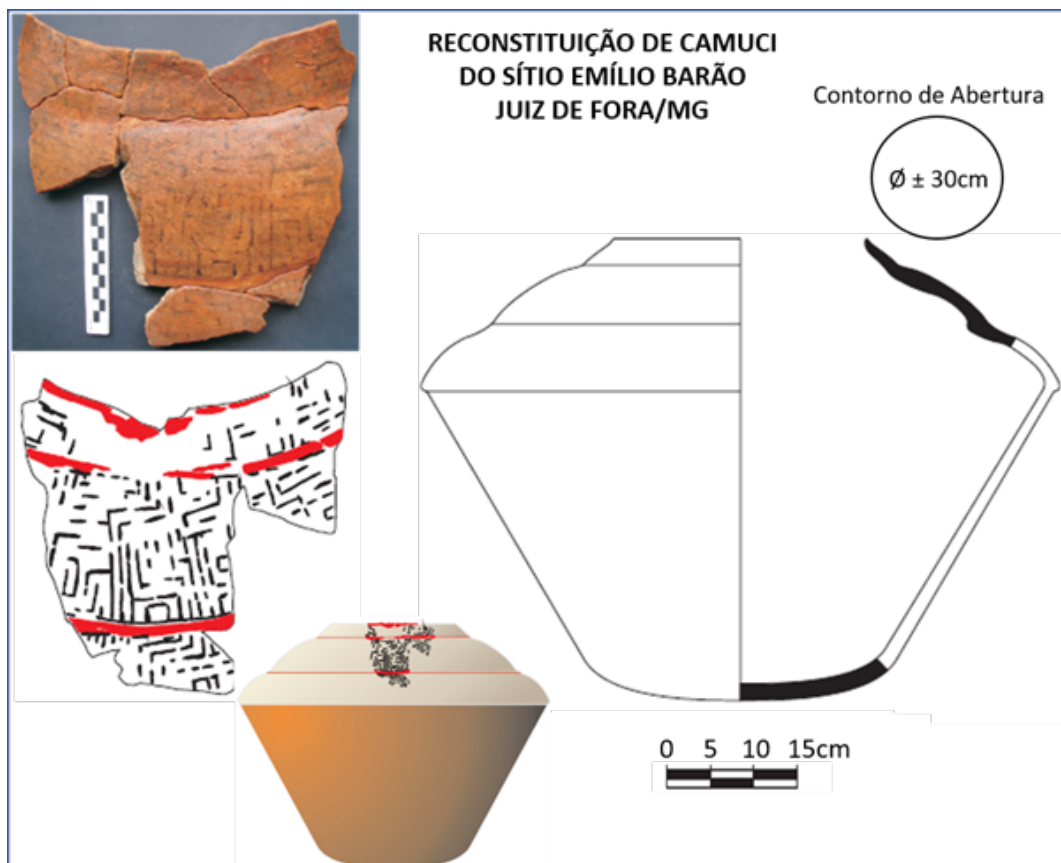


Figura 7: Reconstituição de *camuci* do sítio Emílio Barão

Assim como constatado por Brochado, Monticelli e Neumann (1990), também não foi percebida uma proporção entre diâmetro e altura dos *camuci*, ficando os pontos correspondentes plotados na figura de forma esparsa, porém apresentando a tendência de que quanto maior é o vasilhame, maior é o diâmetro da borda, como pode ser verificado na Figura 8. Como sugerido pelos autores, a variabilidade nas dimensões desta classe de vasilha deve estar diretamente ligada com sua morfologia complexa. Mesmo não apresentando clara relação de proporção entre diâmetro e altura, fiz os cálculos que resultaram em uma proporção entre 0,6 e 1,8, de modo a constar para futuras comparações.

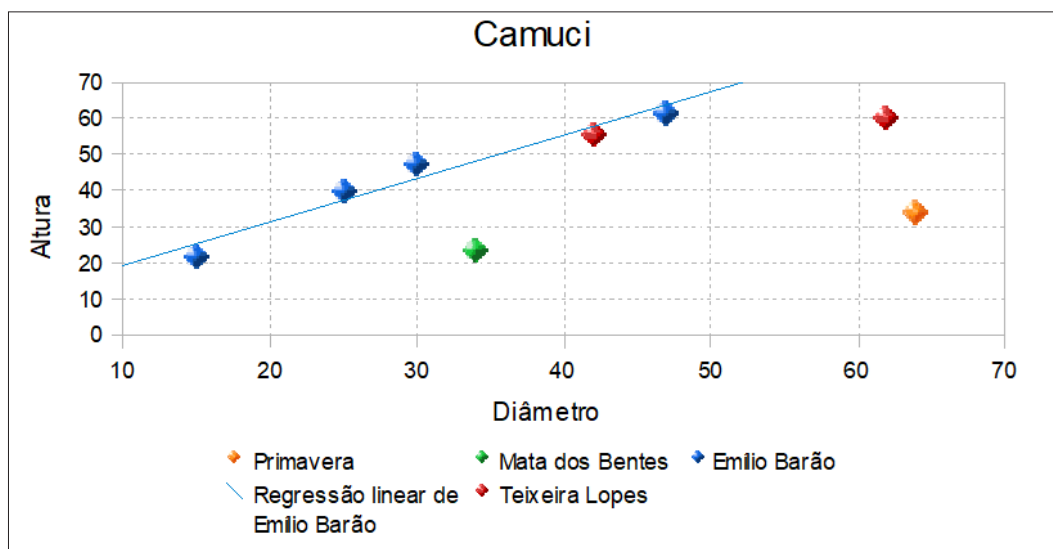


Figura 8: Distribuição das proporções entre diâmetro e altura nas *camuci*

Camuciajura

Apresenta morfologia específica que parece intimamente associada à área de dispersão dos Tupinambá. Por este motivo não encontrei um designativo e nem uma morfologia que se assemelhe a esta vasilha no contexto Guarani. Contudo, pela própria denominação êmica, está associada à classe das *camuci/cambuchi* e, segundo a bibliografia, teria servido para os mesmos fins, ou seja, produção e armazenamento de bebidas (ASSIS, 1995; BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990; BROCHADO; MONTICELLI, 1994). Outra finalidade semelhante a das vasilhas *camuci/cambuchi* parece ter sido o reuso como urna funerária, encontradas em sítios arqueológicos nas regiões sul e central de Minas Gerais (PANACHUK, *et al.*, 2010). Apesar da associação a contextos funerários, a presença de fuligem externa e crostas de material carbonizado no fundo internamente vêm confirmando seu uso no preparo de bebidas fermentadas, o que já havia sido deduzido pelas figuras do século XVI (BROCHADO, 1991).

Secundo o Vocabulário da Língua Brasileira (AYROSA, 1938) *camuciajura* se refere a *cântaro ou quarta*¹. Decompondo a palavra tem-se o termo *ajura* significando *colo do pote*, ou seja, *camuciajura* como cântaro com colo, dando um forte indicativo morfológico (Figura 9).

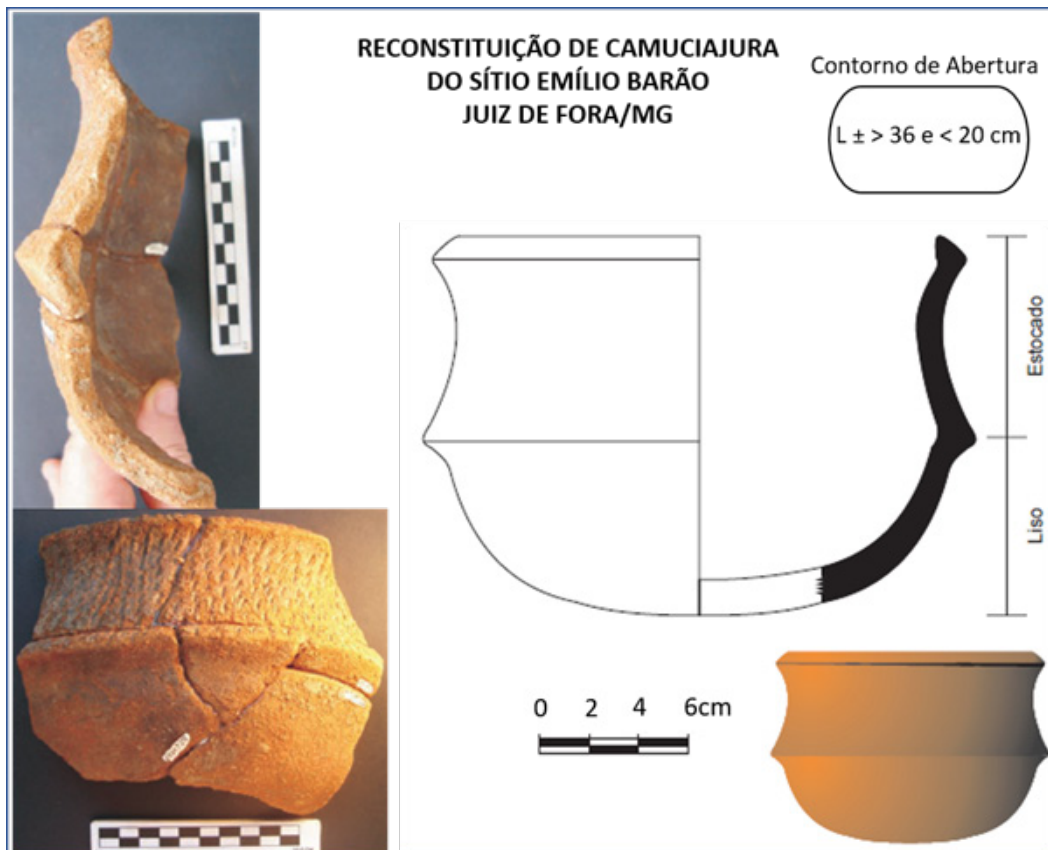


Figura 9: Reconstituição de *camuciajura* do sítio Emílio Barão

Sua morfologia tem sido denominada na bibliografia como duplamente cambada, sendo vasilhas de difícil reconstituição devido ao contorno complexo, porém sua presença entre os fragmentos de bordas em uma coleção é facilmente identificada, pois são sempre cambadas com unguações ou estocados (ou outro acabamento visualmente semelhante à unguações). O que também dificulta a reconstituição deste vasilhame é seu contorno elíptico (ou quadrangular), portanto dependendo do fragmento utilizado tem-se uma secção do menor ou do maior eixo, dando uma falsa impressão de que há uma grande variabilidade das dimensões.

Como já mencionado, o acabamento dos *camuciajura* é sempre semelhante ao unguado. Percebe-se que muitas vezes não se tratam de unguações, mas de impressões com artefatos de seção curva ou reta, originando ponteados em meia-lua e estocados (LA SALVIA; BROCHADO, 1989). O acabamento plástico sempre se limita à parte superior, até o maior diâmetro do bojo, enquanto a parte inferior é apenas alisada. Há ligeira tendência que as paredes deste tipo de vasilha sejam mais finas (aprox.10 mm) que a dos demais. Predominam as pastas mais grossas e, talvez devido à pouca espessura das paredes, normalmente as queimas são completas.

Tenho de ressaltar que algumas das vasilhas reconstituídas com morfologias e proporções classificáveis como *camuciajura*, poderiam na verdade se tratar de vasilhames para servir bebida (*caguaba*), já que apresentam um volume pequeno (menos de 1 litro), o que dificultaria seu uso para produção de bebidas, não esquecendo da possibilidade de serem miniaturas como proposto por Brochado, Monticelli e Neumann (1990).

Baseando-se nas dimensões métricas tem-se dois grupos distintos de vasilhas, como pode ser visto na Figura 10. Contudo, precisa-se levar em conta que as *camuciajura* são vasilhames com contornos de abertura elípticos ou quadrangulares. Portanto, o que pode-se ter, na verdade, são as duas dimensões expressas na figura, ou seja, quando o fragmento de borda utilizado para a reconstituição compõe o eixo menor, tem-se reconstituições apresentando apenas o perfil deste eixo menor, ao passo que um fragmento oriundo do maior eixo reflete no perfil de uma vasilha aparentemente maior.

De modo geral a relação de proporção nos vasilhames reconstituídos fica entre 0,75 e 1,87. Dividindo entre dois conjuntos tem-se a média das relações de 1,05 para os de menores dimensões e de 1,39 para os de maiores dimensões.

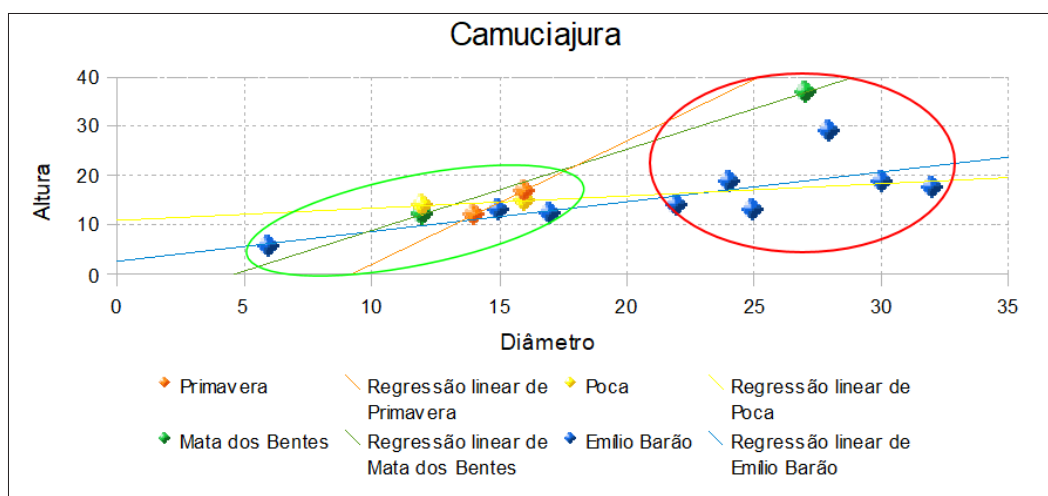


Figura 10: Distribuição das proporções entre diâmetro e altura nas *camuciajura*

Nhaempêuna / Ñamopyu

Vasilhas de estrutura muito aberta e pouca profundidade que normalmente são entendidas como sendo de uso para torrar farinhas ou produzir beiju, além do que as mais profundas e menores poderiam ter sido utilizadas para servir líquidos, como indicam algumas figuras do século XVI (BROCHADO, 1991).

As superfícies dos fragmentos reconstituídos como *nhaempêuna* apresentam quase sempre a presença de enegrecimento por fuligem, talvez devido a constante exposição ao fogo (Figura 11). Normalmente apresenta lábios arredondados e apontados, com a peculiaridade de alguns serem serrilhados por meio de incisões unguiformes. Alguns vasilhames apresentaram pequenas dimensões, podendo se tratar de miniaturas ou artefatos formalmente semelhantes utilizados em outras atividades.

Foram reconstituídas *nhaempêuna* para três dos conjuntos analisados. A sua baixa frequência no registro arqueológico foi anteriormente interpretada como decorrente do baixo consumo de beiju pela população (BROCHADO, 1991, p. 66). Entretanto, pode-se pensar que este baixo percentual esteja mais relacionado com as estratégias de uso e curadoria, como foi constatado entre os Asuriní do Xingu que dispensam um maior cuidado na conservação de vasilhames utilizados para torrar farinha, entre outras (SILVA, 2000). Um uso mais cuidadoso, assim como a armazenagem em locais

fora do alcance de crianças e animais, permite que as vasilhas tenham uma vida útil mais longa e que menos vestígios de sua presença existam no contexto arqueológico (SILVA, 2000). Esta premissa também pode ser aplicada no caso das *cambuci*, já que seu tamanho permite pouca mobilidade, envolvendo uma curadoria cuidadosa devido ao custo de sua produção.

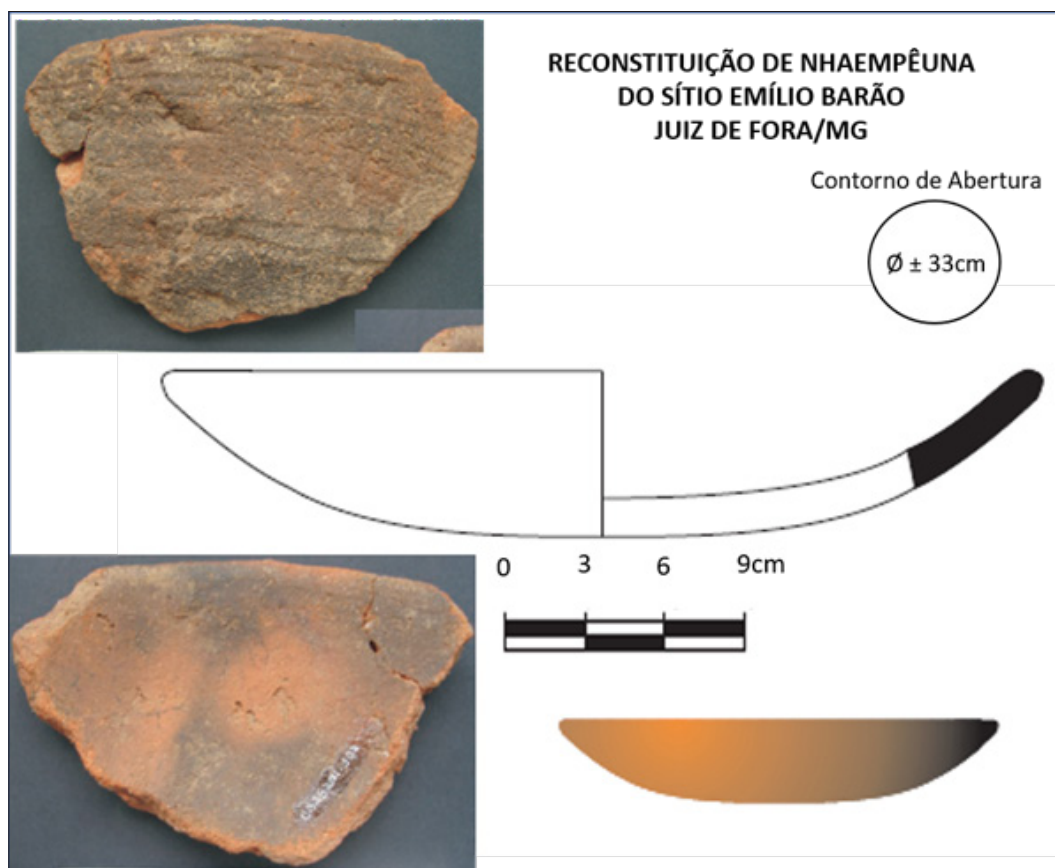


Figura 11: Reconstituição de *nhaempêuna* do sítio Emílio Barão

As *nhaempêuna* ocupam a parte mais baixa da figura geral (Figura 20), como era de se esperar, tendo em vista que são as vasilhas que apresentam as menores alturas em relação ao diâmetro de abertura. De modo geral a maioria dos diâmetros fica entre 22 e 33 cm (Figura 12), bem próxima das dimensões convencionadas por Brochado e Monticelli (1994) como normais para os *ñamôpyu* no contexto Guarani. A relação entre o diâmetro e a altura fica entre 3,5 e 10,5, reflexo da morfologia muito aberta.

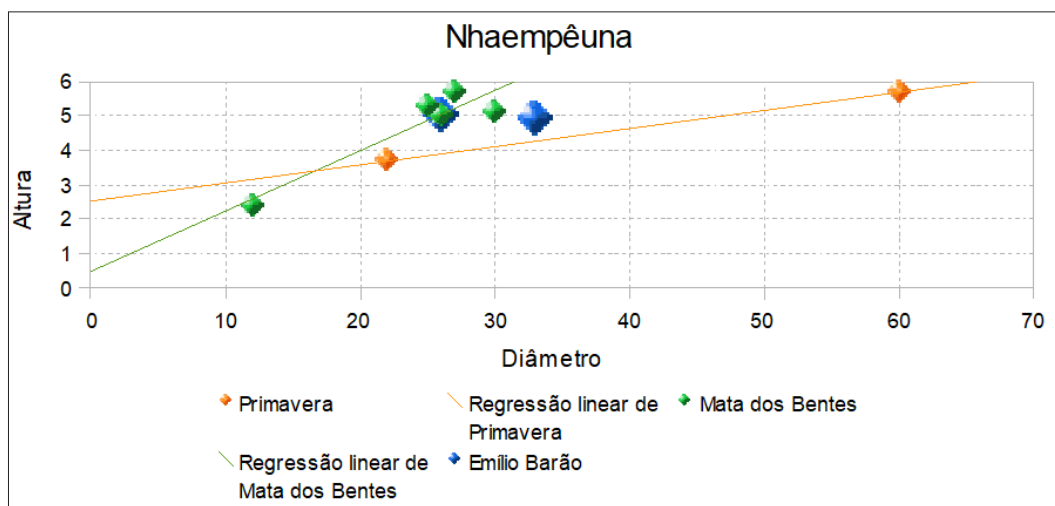


Figura 12: Distribuição das proporções entre diâmetro e altura nas *nhaempêuna*

Nhaen / Ñaembé

Utilizadas para servir alimentos, individuais ou comunais, apresentam diâmetros que variam de pequenos diâmetros a maiores de 60 cm, são também associadas a enterramentos, como acompanhamento funerário. As *nhaen* fazem parte de um conjunto de vasilhas utilizadas para servir alimentos que incluem as *nhaepiggoaya* e as *caguaba*. As *nhaepiggoaya* são mais facilmente diferenciadas porque se referem a vasilhas com contornos apenas quadrangulares e ovais, típicos dos Tupinambá (BROCHADO, 1984; CORREA, 2014). Já as distinções entre *nhaen* e *caguaba* são menos perceptíveis, mesmo se tratando de vasilhas inteiras (ver o mesmo para as *ñaembé* e as *cambuchí caguâba* em BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990), portanto, algumas das vasilhas aqui classificadas como *nhaen* poderiam ter desempenhado papel de *caguaba* e vice-versa. Procurei amenizar este problema considerando a relação de proporção proposta na bibliografia (Quadro 2).

Uma característica marcante das *nhaen* reconstituídas é a presença de pintura interna formada por linhas curvilíneas, pontos e faixas vermelhas (Figura 13). A cor do núcleo das paredes tende a ser completamente preta, indicando queima a baixa temperatura, ou que estas vasilhas nunca retornavam ao fogo depois de queimadas, mantendo a tonalidade original decorrente da queima branda. As bordas são muito variadas, mas a maioria é reforçada ou expandida. As vasilhas apresentam estrutura aberta hemisférica com contornos simples ou complexos.

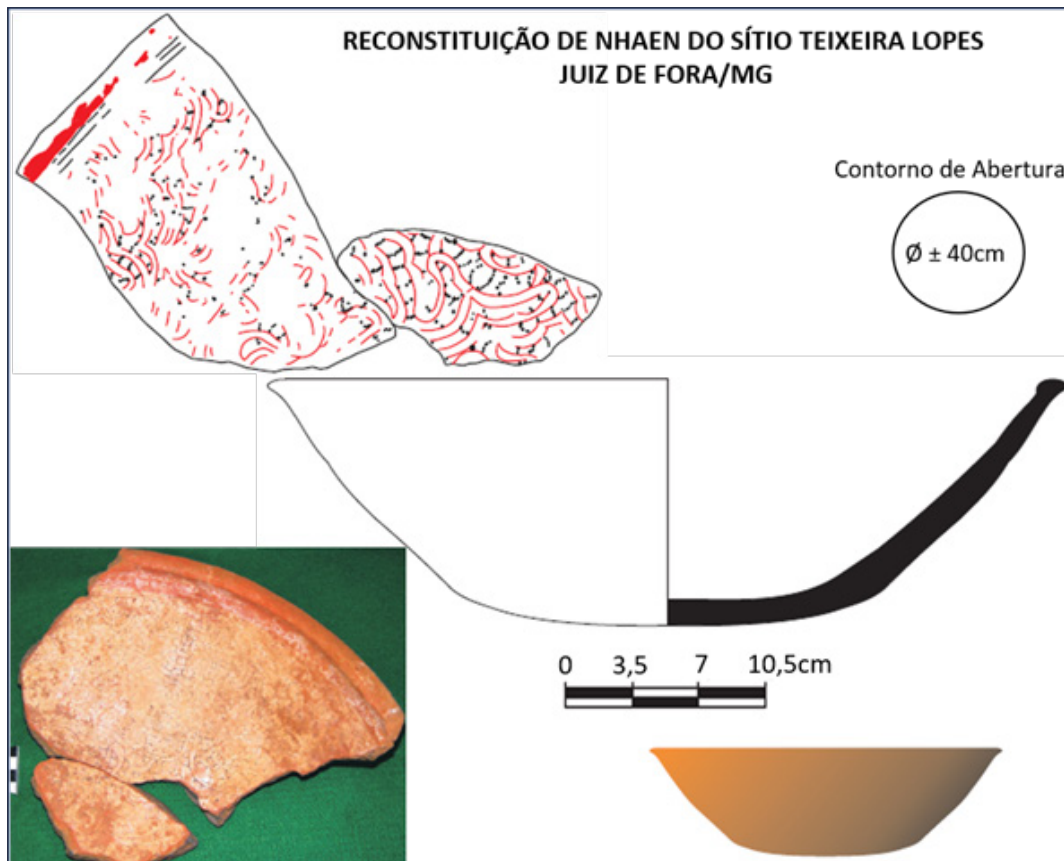


Figura 13: Reconstituição de *nhaen* do sítio Teixeira Lopes

As *nhaen* puderam ser reconstituídas em maior número (Figura 2). A maioria das vasilhas que puderam ser reconstituídas se enquadra dentro desta classe, inicialmente interpretado em função da facilidade em reconstituir vasilhas abertas, entretanto outras classes de vasilhas abertas não possuem a mesma proporção de reconstituição. Além disso, na bibliografia encontrei a informação de que estas vasilhas são realmente muito numerosas (BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990, p. 739), divididas em categorias conforme os perfis de borda.

Intrigou-me o fato de vasilhas com alto grau de dificuldade na produção, devido a pintura elaborada, apresentarem um grande número de fragmentos, tendo em vista que em outros contextos vasilhas com produção difícil sejam usadas com cuidado e curadas cuidadosamente para evitar sua quebra (SILVA, 2000). Uma das possibilidades para explicar a alta taxa de quebra seja a característica de queima à baixa temperatura. Como já apontado por Arnold (1985, p. 153) a queima à baixa temperatura é uma das principais responsáveis por alta frequência de quebras de vasilhas e, conseqüentemente, pela produção de grandes quantidades de fragmentos cerâmicos no registro arqueológico. Além disso, o uso diário para servir alimentos, assim como sua presença nos rituais de antropofagia (BROCHADO, 1991), poderiam contribuir para aumentar a taxa de quebra, tendo em vista que as vasilhas estariam dispostas nas mãos e no chão durante dias, com consumo de comidas e bebidas alcoólicas, numa festa onde, segundo vários cronistas, muitas vezes ocorriam brigas entre guerreiros e entre cônjuges (FERNANDES, 1948). Provavelmente durante estes ébrios conflitos

familiares muitas vasilhas que estavam por perto ou à mão acabavam sendo quebradas. Como as principais vasilhas de serviço nas cerimônias antropofágicas eram os *nhaen* e os *nhaempiggoaya* (para a comida) e os caguaba (para a bebida) é de se imaginar que ao final dos vários dias de banquete muitos fragmentos destes deveriam ficar espalhados pela aldeia, levando a uma constante produção de novas vasilhas desta classe.

As *nhaen* apresentaram-se distribuídas de forma bem homogênea na Figura 14, em relação às proporções. A grande maioria fica dentro de uma norma que se aproxima da linha de regressão de 45°, indicado grande relação entre o diâmetro de abertura e a altura. Como esta é a classe com maior número de vasilhas identificadas, foi possível visualizar melhor uma concisa relação entre as dimensões se agrupando em uma área específica da figura. Do mesmo modo, tem-se uma relação diâmetro/altura mais precisa, entre 1,7 e 5,8, indicando que alguns *nhaen* são tão abertos quanto os *nhaempêuna*, se diferenciado destes últimos por terem pintura interna.

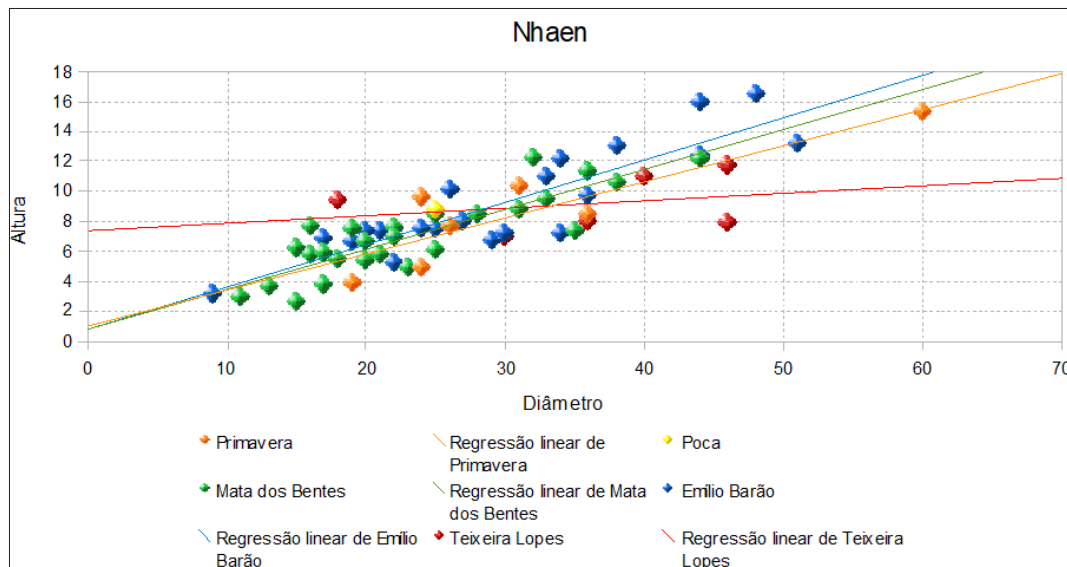


Figura 14: Distribuição das proporções entre diâmetro e altura nas *nhaen*

Esta grande uniformidade morfológica também é um forte indício de aperfeiçoamento técnico das oleiras na produção específica desta vasilha. A principal forma de se aperfeiçoar é a repetição. Pode-se concluir que tanto a grande quantidade de fragmentos destas vasilhas presente nos sítios, quanto sua morfologia padronizada apontam para uma maior frequência de produção desta classe. Ou seja, estas vasilhas quebravam-se mais, conseqüentemente tinham de ser repostas com frequência, o que levava as oleiras a uma produção constante e conseqüentemente ao apuro técnico, produzindo vasilhas cada vez mais uniformes.

Nhaempiggoaya / Ñaembé-guaçu

489 Esta classe apresentava a funcionalidade de servir alimentos e, segundo alguns pesquisadores, seria especialmente utilizada nas cerimônias antropofágicas (BRO-

CHADO, 1991). Além disso, são comumente encontradas em contextos funerários como acompanhamento.

Como critério diferenciador das *nhaen* adotei o contorno de abertura quadrangular ou elíptica, sendo uma vasilha típica dos sítios associados aos Tupinambá (BROCHADO, 1984; SCATAMACCHIA, 1990). Ressalto que na verdade as *nhaepiggoaya* referem-se aos pratos ou tigelas utilizadas coletivamente, ou seja, pratos maiores onde vários indivíduos se serviam, portanto, poderiam ser tanto quadrangulares como circulares, porém para fins descritivos apenas aqueles vasilhames de contorno quadrangular e elíptico foi assim designado (Figura 15).

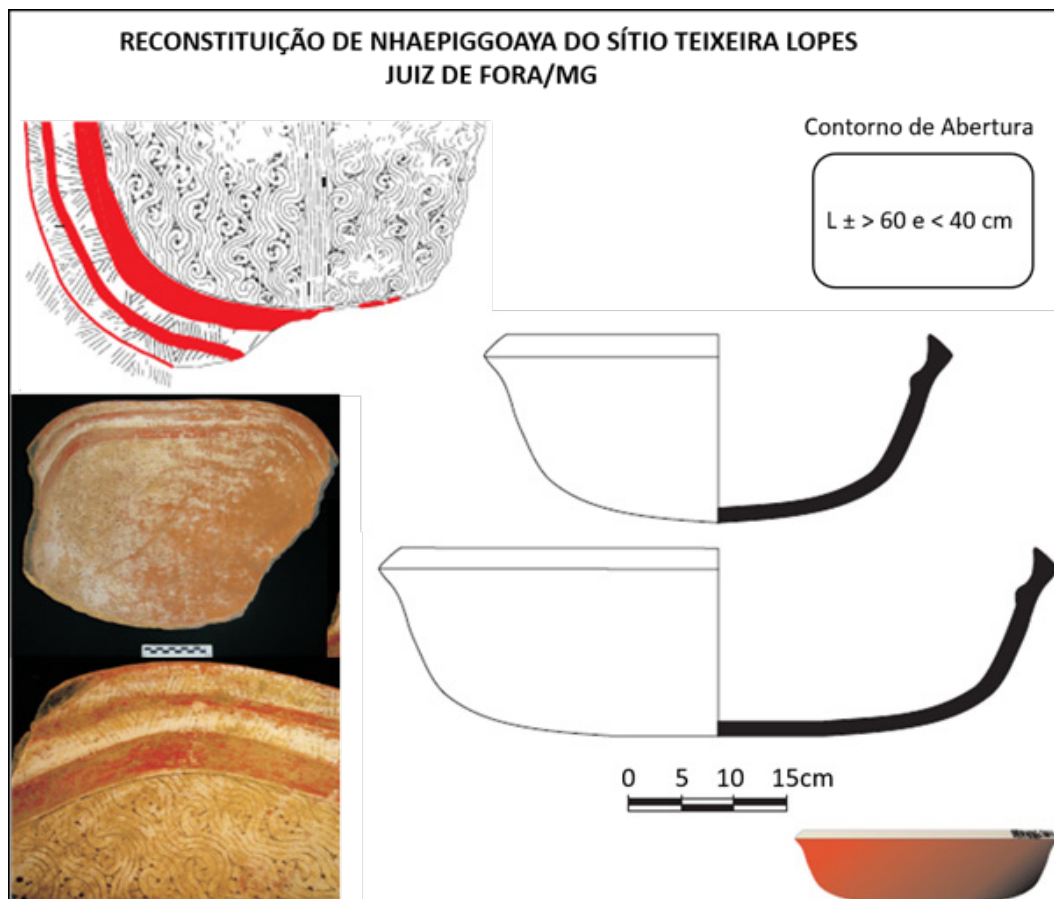


Figura 15: Reconstituição de *nhaepiggoaya* do sítio Teixeira Lopes

Devido ao contorno quadrangular ou elíptico muitas vezes os fragmentos usados nas reconstituições permitem apenas estabelecer um dos comprimentos, o maior ou o menor, resultando daí diferenças nos perfis reconstituídos, como já mencionado para as *camuciajura*.

Analisando o conjunto de vasilhas do sítio Teixeira Lopes, que possui um fragmento de quase metade de um *nhaepiggoaya*, percebe-se o modo produtivo utilizado. O vasilhame é todo elaborado com roletes, da base ao lábio. Para a construção do fundo é cavada uma cova no chão, utilizada como molde, e a partir do interior da cova se enrolam os roletes em espiral ou anéis. Com o empilhamento dos roletes a vasilha sai da cova, a qual passa a ficar limitada a metade do corpo. Aplicam-se roletes de reforço externo mais próximos a borda e um rolete interno um pouco abaixo da

altura do reforço externo, característica típica das vasilhas de contorno quadrangular. A superfície externa, exposta fora da cova, é alisada, enquanto a pasta ainda está bem plástica, porém a parte de baixo da vasilha só é alisada depois que a pasta está mais firme e, portanto, não permite a total obliteração dos roletes (Figura 16), resultando na diferenciação desse alisamento em relação ao da parte superior. Esta diferença na obliteração dos roletes e de alisamento tanto foi percebida nas análises dos fragmentos quanto em vasilhas inteiras expostas em diferentes coleções.

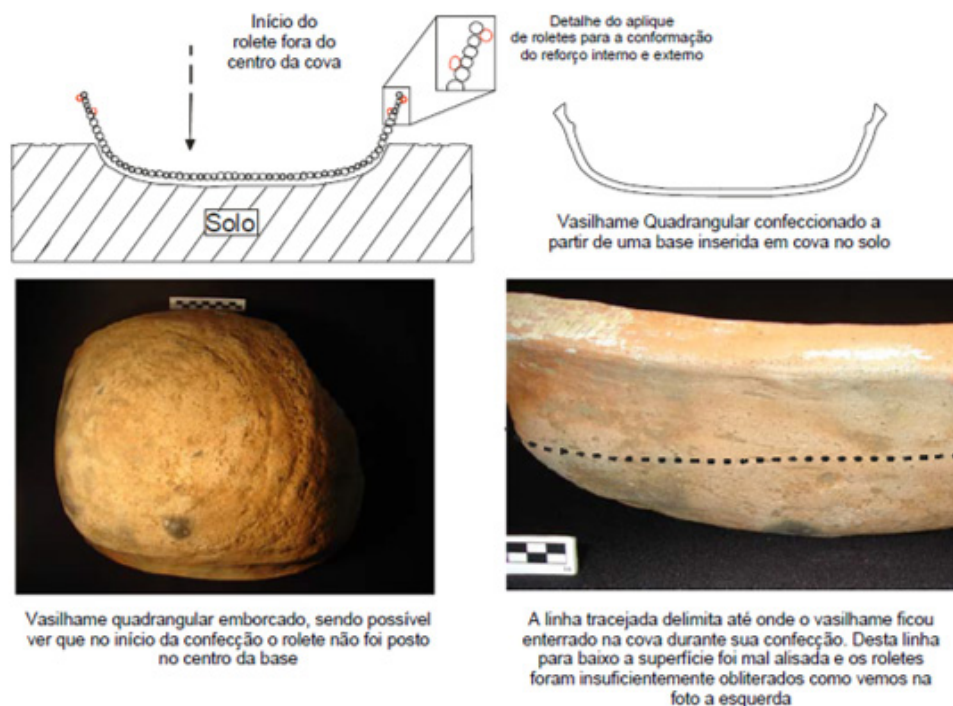


Figura 16: Modo de produção de vasilha quadrangular

Ao comparar as dimensões das *nhaepiggoaya* percebe-se que se dividem em dois conjuntos (Figura 17), relacionados aos comprimentos, em função da própria morfologia deste tipo de vasilha, já que o formato quadrangular ou elíptico possui dimensões diferentes nos dois eixos. Os dois conjuntos visíveis na figura corresponderiam aos eixos maiores e menores de diferentes *nhaepiggoaya*, o que pode ser confirmado pelas linhas de regressão quase horizontais, não indicando variação na altura dos vasilhames mesmo quando estes dobram o comprimento. Esta pequena amostra apresenta a possibilidade de uma regra de proporção entre os eixos desta classe de vasilha, sempre próximo a 2. Quanto à proporção diâmetro/altura, fica entre 1,7 e 5,5.

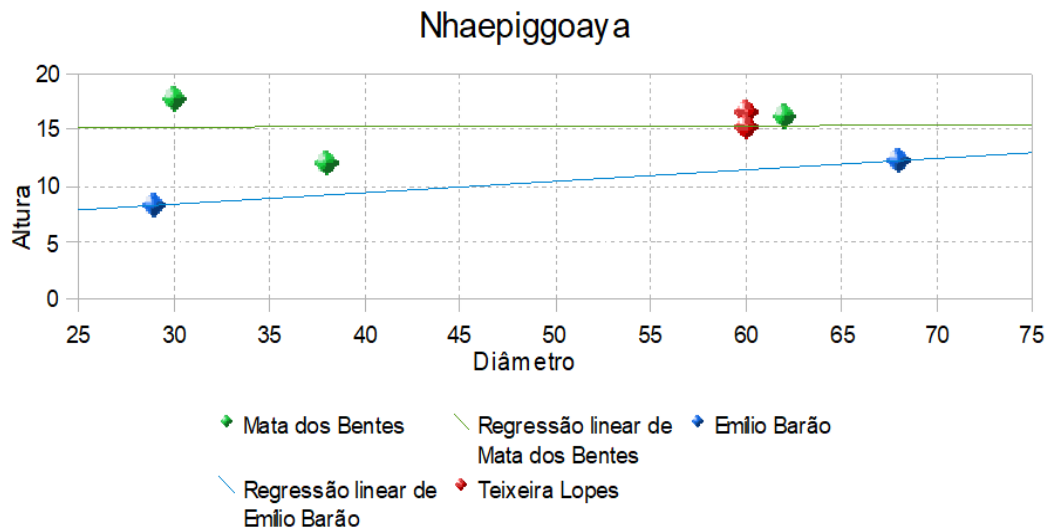


Figura 17: Distribuição das proporções entre diâmetro e altura nas *nhaepiggoaya*

Caguaba / Cambuchi Caguâba

As *caguaba* são vasilhas associadas principalmente ao servir e consumir bebidas, arriscando-se a considerar as vasilhas com contornos mais simples e sem pintura relacionadas ao consumo de água e as mais elaboradas e pintadas ao consumo de bebidas alcoólicas durante os rituais (BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990; BROCHADO; MONTICELLI, 1994). Como dito anteriormente a separação entre *caguaba* e *nhaen* é muito difícil, podendo haver congruência entre as duas classes. A principal forma de diferenciá-las foi utilizar a regra de proporção apontada para as formas equivalentes no contexto Guarani (*cambuchi caguâba* e *ñaetá*).

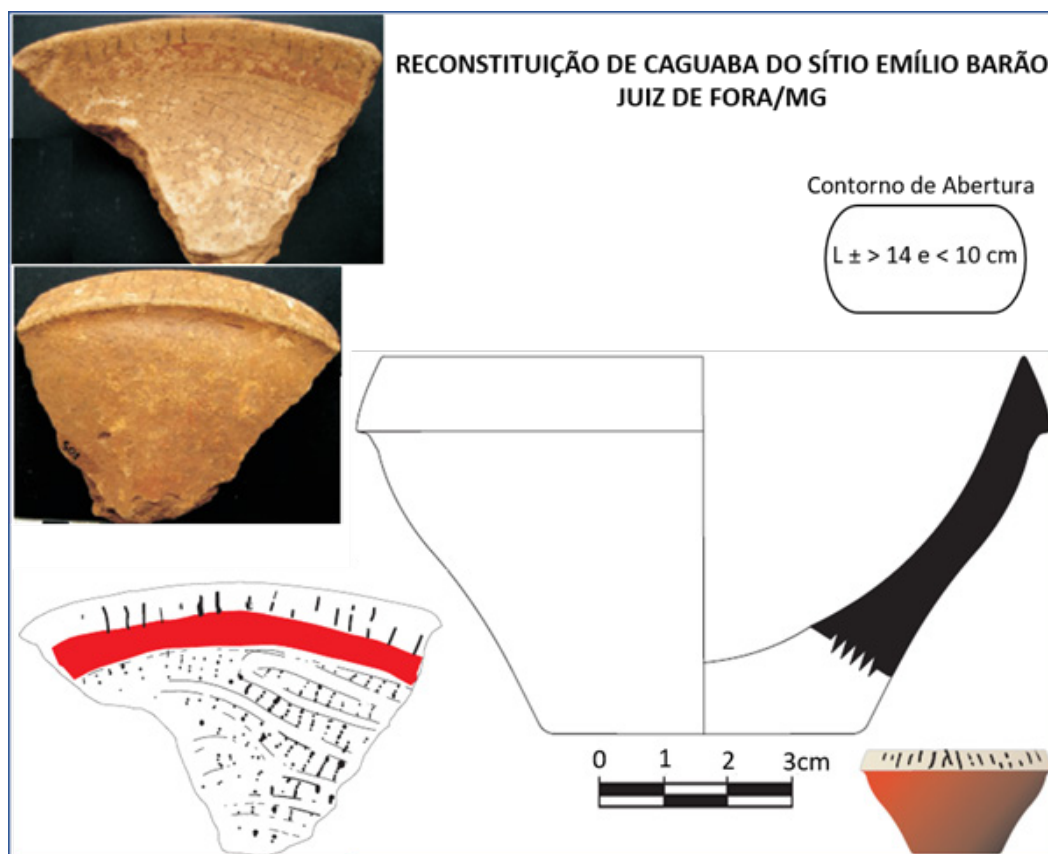


Figura 18: Reconstituição de *caguaba* do sítio Emílio Barão

Possuindo contornos abertos com bordas infletidas ou reforçadas, os contornos das *caguaba* podem ser simples, angulares ou infletidos, quase sempre com contorno de abertura circular, mas pelo menos uma vasilha elíptica (Figura 18). Algumas das vasilhas classificadas como *caguaba* apresentaram volumes muito pequenos (menos de 0,3l), as quais poderiam ser interpretadas como miniaturas ou mesmo como recipientes que foram empregados em funções desconhecidas.

A grande semelhança já mencionada entre esta classe de vasilha e as *nhaen* também é percebida na figura de dimensões (Figura 20), já que sua posição reflete uma continuidade das dimensões destas últimas. As *caguabas* ocupam a área mais inferior e a esquerda da figura, com dimensões menores que as demais. Na verdade, se observarmos com cuidado a Figura 19, percebe-se a divisão em alguns conjuntos distintos: seis reconstituições com pequenos diâmetros (círculo verde); com dimensões pequenas (círculo azul); medianas (círculo argenta); grandes (círculo vermelho). As linhas das regressões lineares apontam para uma relação muito clara entre o aumento do diâmetro e o aumento da altura, sendo proporcionais e até certo ponto previsíveis, permitindo reconstituições mais seguras. A relação entre diâmetro e altura flutuou entre 0,8 e 4,1, demonstrando a dificuldade em se distinguir claramente as *caguaba* das *nhaen*, já que mesmo a relação diâmetro/altura possui coincidências.

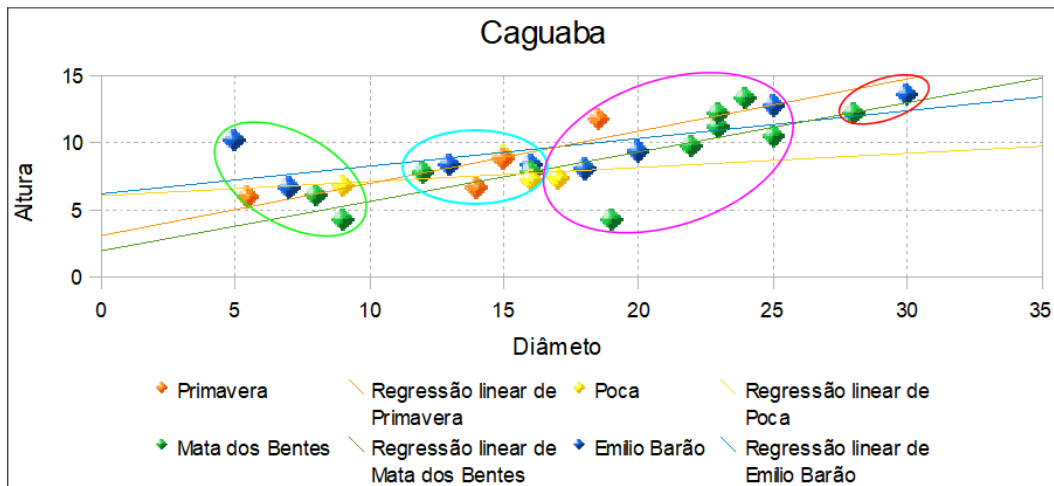


Figura 19: Distribuição das porções entre diâmetro e altura nas *caguaba*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o primeiro nível de análise o objetivo foi o reconhecimento dos meios materiais e as técnicas empregadas na confecção dos objetos, além de buscar remontagens. As comparações permitiram perceber a existência de correlações recorrentes que indicam “modos de fazer” característicos, pois a partir da quantificação das características tecnológicas pude traçar comparações quantitativas entre os conjuntos artefatuais dos sítios, visando a construção de um quadro qualitativo de comparação. Foram assim percebidas semelhanças e diferenças entre os percentuais de fragmentos das coleções analisadas.

Apesar da grande fragmentação dos vestígios foi possível um número considerável de remontagens em todos os sítios (de 5 a 10%). Atenção especial foi dada a remontagem de fragmentos próximos às bordas dos vasilhames, visando permitir reconstituições gráficas que foram fundamentais para o desenvolvimento do segundo nível de análise.

A classificação das vasilhas reconstituídas permitiu vislumbrar como cada um dos atributos se apresenta por classe, com atributos inter-relacionados. Além disso, permitiu tecer considerações sobre os conjuntos de vasilhas de cada sítio em relação aos demais, bem como apresentar um quadro geral das morfologias percebidas para os sítios da região.

As classes morfológico/funcionais permitiram comparações qualitativas que podem contribuir ainda mais para a associação das morfologias encontradas com os alimentos consumidos por estas populações no passado. Além disso, é possível que, no futuro, a quantificação das vasilhas com a mesma funcionalidade possibilite estimar os números mínimo e máximo da população nos antigos aldeamentos, assim como características de produção e manutenção dos artefatos (BROCHADO, MONTICELLI, 1994; SCHMITZ, 1999; SILVA, 2000; PANACHUK *et al.*, 2010).

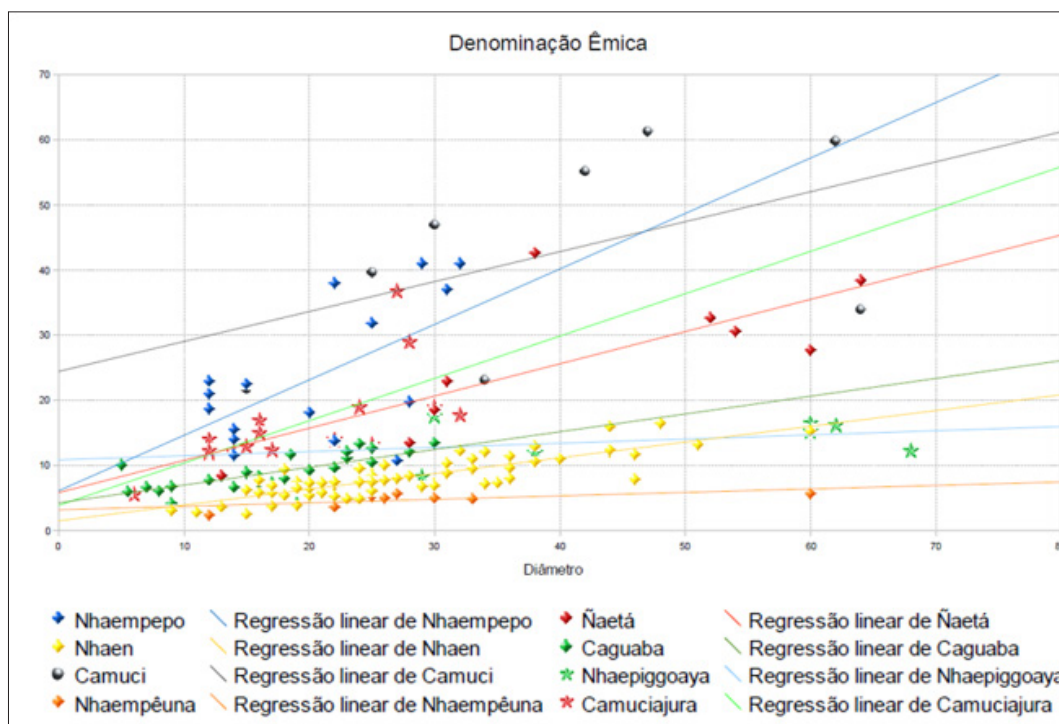


Figura 20: Distribuição das proporções diâmetro/altura nas vasilhas reconstituídas.

Quanto às análises relativas às características formais das vasilhas reconstituídas pode perceber uma grande uniformidade em termos de padrões de produção (Figura 20). De modo geral o vasilhame que foi produzido e utilizado em todos os sítios guarda muitas semelhanças tanto em termos de sua forma final como da tecnologia de produção (Quadro 2), denotando escolhas guiadas por um modo de vida que pode ser entendido como característico do grupo que se assentou regionalmente. Contudo, ressalta-se que algumas diferenças entre os sítios puderam ser apontadas quanto ao conjunto artefactual cerâmico, as quais também podem ser entendidas como variações nas escolhas. Estas podem ter uma dimensão mais generalizada, em termos de grupo, ou um caráter mais individualizado, refletindo escolhas individuais durante o processo produtivo, que podem apontar para diferentes fatores de ordem prática e simbólica (SILVA, 2000).

Com as reconstituições gráficas ficou evidente a variabilidade dentro do conjunto, nas vasilhas elaboradas e utilizadas pelas pessoas que habitaram os sítios. Com base na bibliografia (BROCHADO, 1984; SCATAMACCHIA, 1990 e 2004; ASSIS, 1995; CORRÊA, 2014), pode-se dizer que as formas reconstituídas são semelhantes aquelas descritas para a cerâmica Tupinambá, apesar de algumas idiosincrasias.

Quadro 2: Características das vasilhas por classe com base nas análises realizadas

Classe	C. Abert.	D. Abert cm	Vol. litros	Sup. Ext.	Sup. Int.	Lábio	Borda	Bojo	Base	Espes mm	Regr prop.
<i>Nhaempepo</i>	Circular	10 a 40	1 a 100	lisa	lisa	Plano, redondo apontado	Direta extrovertida	globular	convexa	5 a 15	0,52 a 2,5
<i>Nãetã</i>	Circular elíptica	10 a 70	0,5 a 100	Lisa, espatulada corrugada	Lisa	Redondo	direta ref. externo contraída	globular piriforme	convexa cônica	3 a 20	0,89 a 2,16
<i>Nhaen</i>	Circular elíptico	10 a 70	0,5 a 40	Lisa, pintada b. vermelho	lisa pintada	Redondo serrilhado plano apontado	Direta ref. externo interno contraída extov. expand.	Globular piriforme	Convexa plana pedestal anelar cônica	3 a 20	1,7 a 5,8
<i>Caguaba</i>	Circular elíptica	5 a 40	<0,5 a 5	Lisa pintada eng. branco incisa e b. vermelho	lisa e pintada	Redondo plano serrilhado apontado	direta expandida extrovertida ref. externo ref. interno cambada contraída	Globular carenado piriforme	Convexa cônica plana pedestal	5 a 20	0,8 a 4,1
<i>Camuci</i>	Circular elíptica	10 a 70	10 a >150	lisa, escovada espatulada e pintada	lisa	Redondo	direta expandida extrovertida	Globular carenado esclonado piriforme	Convexa e cônica	10 a 15	0,6 1,8
<i>Camuciájuna</i>	Circular elíptica	5 a 40	0,5 a 20	Lisa estocada corrugada ungulada	lisa	Apontado redondo serrilhado	Cambada extrovertida	Cambados carenado	convexa	5 a 15	0,75 a 1,87
<i>Nhaepigoyaya</i>	Quadrangular elíptica	20 a 70	3 a 40	Lisa e b. vermelho	pintada	Redondo apontado	ref. Interno externo	Globular quadrangular	convexa	10 a 20	1,7 a 5,5
<i>Nhaenpénna</i>	Circular elíptico	10 a 70	0,5 a 10	lisa	lisa	Redondo serrilhado	Direta e ref. Interno	globular	convexa	5 a 20	3,5 a 10,5

No entanto, foi importante fazer a comparação com vasilhas características Guarani (LA SALVIA, BROCHADO, 1989; BROCHADO, MONTICELLI, NEUMANN, 1990; BROCHADO, MONTICELLI, 1994; NOELLI, 1999-2000), pois permitiu verificar que muitas das normas morfológicas associadas a funcionalidade também são compatíveis com as Tupinambá. Algumas das vasilhas Guarani tem seus correspondentes em termos de morfologia, funcionalidade e denominação êmica no contexto Tupinambá (NOELLI, 1999-2000; SILVA, NOELLI, 2017). As *nhaempepo*, *nhaen*, *caguaba*, *camoci* e *nhaempêuna*, em contexto Tupinambá, correspondem diretamente às *yapepó*, *ñaembé*, *cambuchi caguâbá*, *cambuchi* e *ñamopyu* do contexto Guarani. Além destas, percebe-se que, apesar de não ter sido encontrada uma denominação êmica para as *ñaetá* Guarani, existem vasilhas com formas e provavelmente funções semelhantes a estas entre as cerâmicas Tupinambá analisadas. Outras classes de vasilhas somente são encontradas no contexto Tupinambá, como as *camuciajura*, uma variação de *camuci*, que ainda não foi descrita para a cerâmica Guarani, e provavelmente seja uma vasilha tipicamente Tupinambá. Além destas, os grandes alguidares de contorno quadrangular, pintados internamente, aqui denominados de *nhaepiggoaya* em referência ao seu possível uso como prato coletivo (assim como são as *ñaembé-guaçu* Guarani, porém sendo estes de contornos circulares), também são típicos Tupinambá.

Foi possível perceber semelhanças entre a cerâmica dos sítios arqueológicos da microrregião pesquisada e as do litoral do estado do Rio de Janeiro (BUARQUE, RODRIGUES-CARVALHO, 2003; BUARQUE, 1999; BELTRÃO, 1978). De modo geral, tanto as morfologias como os acabamentos de superfície são muito semelhantes nos dois contextos. Isto pode ser percebido claramente nas vasilhas duplamente cambadas com acabamentos unglados ou estocados, bem como nas vasilhas abertas quadrangulares ou circulares com pinturas internas. Ao analisar as pinturas nas vasilhas dos sítios aqui estudados, Prous (2006, p. 163) chama atenção para o fato de que estas *evocam as fórmulas canônicas típicas do litoral do Rio de Janeiro*.

O trabalho de Brochado (1991) sobre alimentação dos Tupinambá compara as gravuras de cronistas e as vasilhas arqueológicas para estudar suas morfologias e a relação com a alimentação, ao apresentar as morfologias verificadas no contexto Tupinambá forneceu importantes subsídios para comparações com as reconstituições feitas em nosso trabalho, de modo que encontrei correlatos na Microrregião de Juiz de Fora com as morfologias verificadas por Brochado (1991), classificadas com denominações êmicas Tupinambá a partir do trabalho de Assis (1995).

O quadro cronológico (CORRÊA, 2009) indica um período de ocupação dos sítios estudados próximo da chegada dos europeus. Além das datações, foi encontrada uma conta de vidro associada aos fragmentos cerâmicos, que pode ser tomada como indício de ocupação durante os primeiros momentos da colonização europeia (LOURES OLIVEIRA, 2006). As contas de vidro foram amplamente utilizadas pelos europeus para escambo com os Tupinambá, sendo este fato relatado em fontes escritas do período. Contas também foram encontradas em sítios arqueológicos Tupinambá no Rio de Janeiro (BUARQUE, 1999; BUARQUE *et al.*, 2020). Não se pode afirmar se a conta encontrada na Microrregião de Juiz de Fora chegou lá através dos europeus por meio de trocas entre os grupos indígenas do litoral e do interior, ou se foi levada por indígenas que migraram do litoral após os conflitos com os portugueses. De qualquer forma, sua presença pode ser entendida como um bom marcador temporal para o período subsequente a chegada de europeus no litoral do atual estado do Rio de Janeiro.

Ao buscar entender os vestígios arqueológicos associados às populações que confeccionaram as vasilhas cerâmicas, percebi que a proximidade espacial, a concomitância temporal e a semelhança na cultura material com os grupos Tupinambá descritos no litoral não poderiam ser ignoradas. Tais características apontam para um contexto Tupinambá no interior, demonstrando, como já havia sido sugerida por Brochado (1984), uma expansão deste grupo pelas bacias hidrográficas que deságuam no Atlântico. A continuidade da pesquisa permitirá avançar na construção da história de longa duração das populações Tupinambá em Minas Gerais.

Agradecimentos

À Fabiola Silva por suas enérgicas orientações, permitindo um novo e melhorado olhar sobre meu objeto de estudo. À toda equipe do MAEA/UFJF, que contribuíram e tornaram possíveis as análises do acervo. Ao Francisco Noelli pelo incentivo e preciosas conversas. À Danielle Samia pela insubstituível ajuda na realização de mapas e figuras.

TUPI-GUARANI IN THE MINEIRAS FORESTS: A STUDY OF TUPINAMBÁ POTTERY

Abstract: in this work, I will present the results of research carried out for my Master's dissertation that sought to understand one of the occupation processes in the Microregion of Juiz de Fora. The study of material culture existing in archaeological sites was carried out from the perspective of José Brochado's works. I aimed to study the ceramic artifact assemblage to broaden our understanding of the occupation process in this region. Enlightening results were achieved regarding the processes of production, use and discard of ceramic material, as well as the linking of these processes to those verified for regions historically occupied by Tupinambá peoples.

Keywords: *Tupi-Guarani. Tupinambá. Archaeological pottery.*

Nota

- 1 *Quarta* tanto pode significar cântaro de barro ou moringa, quanto uma unidade de medida antiga e equivalente a 9 litros, medida inglesa de 1,136 litros, medida no Nordeste do Brasil de 40 litros ou no Piauí equivalente a 72 litros.

Referências

- ARNOLD, Dean. *Ceramic Theory and Cultural Process*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- ASSIS, Valeria. A classificação da cerâmica Tupinambá através da analogia etnográfica. *Arqueologia em el Uruguai: 120 años despue. VIII Congreso Nacional de Arqueologia Uruguay*. Maldonado. p. 455-457, 1995
- AYROSA, Plínio. *Vocabulário da língua brasileira. Manuscrito português-tupi do século XVII*, coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa. São Paulo: Departamento de Cultura, 1938.
- BELTRÃO, Maria. *Pré-História do estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1978.
- BROCHADO, José e MONTICELLI, Gislene. Regras práticas para a reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmicas Guarani a partir dos fragmentos. *Estudos Ibero-Ameri-*

canos, Porto Alegre, v.20, n. 2, p. 107-118, 1994. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.1994.2.29004>BROCHADO, José. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America*. Tese (Doutorado em Filosofia) - University of Illinois, Urbana. 1984.

BROCHADO, José. What did the Tupinambá cook in their vessels? A humble contribution to ethnography analogy. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v. 6, p. 40-88, 1991. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v6i1.83>

BROCHADO José, MONTICELLI, Gislene, NEUMANN, Eduardo. Analogia etnográfica na reconstrução das vasilhas Guarani arqueológicas. *Veritas*, Porto Alegre, v. 35, n. 140, p. 727-743, 1990.

NOELLI, Francisco, BROCHADO, José., CORRÊA, Ângelo. A linguagem da cerâmica Guarani: sobre a persistência das práticas e materialidade (parte 1). *Revista Brasileira De Linguística Antropológica*, Brasília, v10, n2, p.167-200, 2018. DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v10i2.20935>

BUARQUE, Angela, RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. Programa Funerário dos Tupinambá em Araruama, RJ - Sítio Bananeiras. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, São Paulo, v. 13, p. 39-55, 2003. <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/109464>

BUARQUE, Angela. A cultura Tupinambá no Estado do Rio de Janeiro. In: TENÓRIO, Maria. *Pré História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. p.307-320.

BUARQUE, Angela.; BAUMANN, Thereza.; CORDEIRO, Jeanne.; BARBOSA-GUIMARÃES, Márcia. Entre dois mundos: Franceses de Paratitou e Tupinambá de Rouen. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 2, p. 21-42, 2020. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v33i2.726>

CORRÊA, Ângelo. *A Tetama nas matas mineiras: sítios Tupi na microrregião de Juiz de Fora - MG*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.71.2009.tde-30042009-135816>

CORRÊA, Ângelo. Cadeias Operatórias Tupi. *Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, Goiania, v. 9, n. 2, p. 221-238, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/hab.v9.2.2011.221-238>

CORRÊA, Ângelo. *Pindorama de mboia e iakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.71.2014.tde-17102014-154640>

DIAS, Ondemar; CARVALHO, Eliana. A Pré-história da serra fluminense e a utilização das grutas do estado do Rio de Janeiro. *Pesquisas. Série Antropologia São Leopoldo*, v. 31, p. 43-86, 1980.

FERNANDES, Florestan. 1948. *Organização social dos Tupinambá*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.

LA SALVIA, Fernando e BROCHADO, José. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

LEMONNIER, Pierre. 1986. The Study of Material Culture Today: Toward an Anthropology of Technical Systems. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 5, n. 2, p. 147-186, 1986.

LEMONNIER, Pierre. *Elements for an Anthropology of Technology*. Michigan: Museum of Anthropological Research (88), University of Michigan, 1992.

LOURES OLIVEIRA, Ana. A etnohistória como arcabouço contextual para as pesquisas arqueológicas na Zona da Mata mineira. *Revista Canindé*, Xingó, v. 3, p. 245-273, 2003. Disponível em: http://max.ufs.br/uploads/page_attach/path/1573/Caninde_03.pdf. Acessado em 18/07/2020.

LOURES OLIVEIRA, Ana. Desenvolvimento, resultados, avaliação e desdobramentos: seis anos do Projeto de Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira. In: LOURES OLIVEIRA, Ana. *Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira: Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Editar, 2006. p. 25-40.

NOELLI, Francisco. A ocupação humana na Região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1972-2000. *Revista da USP*, São Paulo, v. 44, p. 218-269, 1999-2000. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p218-269>

NOELLI, Francisco., Brochado, Jose. O cauim e as beberagens dos Guarani e Tupinambá. *Revista do Museu De Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v.8, p.117-128, 1998. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.1998.109531>

OLIVEIRA, Claudia. *Estilos tecnotipológicos da Cerâmica pré-histórica no Sudeste do Piauí – Brasil*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PANACHUK, Lilian; CARVALHO, Adriano; JÁCOME, Camila; AMORELI, Felipe; PROUS, André. Reflexões sobre as aldeias tupiguarani: apontamentos metodológicos. In: PROUS, Andre, LIMA, Tânia. *Os ceramistas tupiguarani: eixos temáticos*. Belo Horizonte: IPHAN, v.3, 2010. p. 77-114.

PROUS, Andre. Preto no branco: as pinturas sobre cerâmica Tupiguarani da Zona da Mata mineira. In: LOURES OLIVEIRA, Ana. *Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira: Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Editar. 2006, p. 157-167.

RODRIGUES, Aryon. The classification of Tupí-guarani. *International Journal of American Linguistics*, v. 24, n.3, p. 231-234, 1958.

RODRIGUES, Aryon. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Editora Loyola, 1994.

SCATAMACCHIA, Maria. *A tradição policrômica no leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá: fontes arqueológicas e etno-históricas*. Tese (Doutoramento em Arqueologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SCHIFFER, Michael; SKIBO, James. The Explanation of Artifact Variability. *American Antiquity*, v. 62, n. 1, p. 27-50, 1997. DOI: <https://doi.org/10.2307/282378>

SCHMITZ, Pedro. Primeiros passos na pesquisa da tradição cerâmica Tupiguarani. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 29, p. 213-214, 1999.

SILVA, Fabiola. *As tecnologias e seus significados. Um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo a USP. São Paulo. 2000. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2000.tde-03122013-165920>

SILVA, Fabiola; NOELLI, Francisco. Arqueologia e linguística: Construindo as trajetórias histórico-culturais dos povos Tupí. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*, v. 7, p. 55-87, 2017. DOI: <https://doi.org/10.14393/RCS-v7n1-2017-39256>.